ESCALAPB PB
Produto: ESTADO - BR - 1 - 03/09/07
ESCALACOR COR
A1 - Cyan Magenta Amarelo Preto

Edição das 20h30

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891-1927)
DIRETOR: RUY MESQUITA

SEGUNDA-FEIRA

SP, RJ, MG, PR e SC: R$ 2,50. Demais Estados: ver tabela na página A2.

3 de setembro de 2007 – ANO 128. Nº 41593

estadao.com.br

Brasil inicia ofensiva comercial na Ásia

Com atraso, governo elege países asiáticos para tentar acordos diretos

A política externa brasileira escolheu a Ásia como alvo preferencial e vai tentar negociações diretas com países da região. Acordos bilaterais são encarados pelo Ministério das Relações Exteriores como alternativa ao lento avanço do livre comércio com a Ásia e à costumeira dependência de intermediação dos Estados Unidos ou países europeus nessas negociações. Os acordos pontuais também permitiriam reduzir as desvantagens da deficiência tecnológica de parte da indústria brasileira, em comparação com concorrentes orientais. "2008 será o ano da Ásia", diz o ministro Celso Amorim. Ele defende novas modalidades de aproximação, como a iniciativa da área comercial do governo de estimular o "ataque empresarial" à Ásia. O apoio, segundo o ministro, compensará setores produtivos que pedem proteção contra a concorrência asiática. "Não podemos mais nos dar ao luxo de não manter relações diretas com essas economias", afirma o embaixador Roberto Jaguaribe. ● PÁGS. B1 E B3

●●● **"2008 será o ano da Ásia."**
Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores

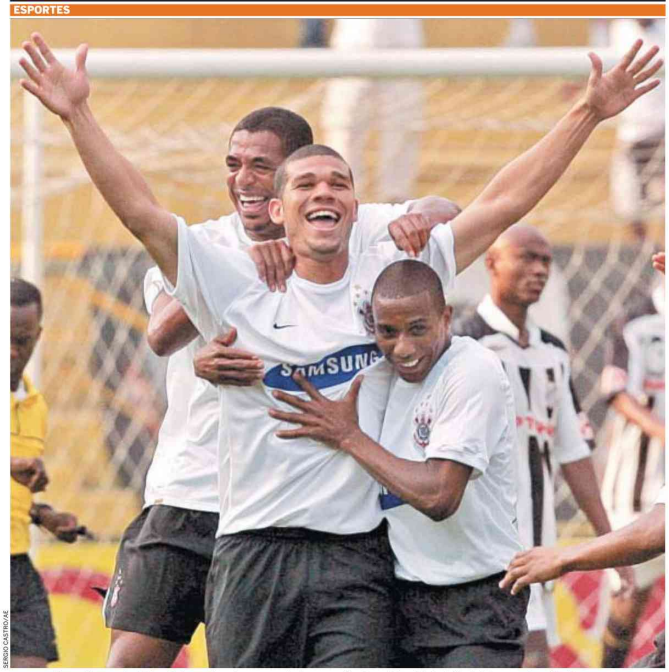
PT negocia, mas insiste na candidatura própria

Sem candidato natural à cadeira de Lula, o PT amenizou, ontem, as estocadas nos aliados e produziu uma resolução política ambígua sobre as eleições de 2010. O texto, aprovado no 3º Congresso do PT, defende a candidatura própria do partido à sucessão de Lula, mas, ao mesmo tempo, diz que o concorrente deve sair da coalizão governista. ● PÁG. A4

Celso de Mello quer evitar 'assaltos ao poder público'

O ministro Celso de Mello, do STF, revela perplexidade diante da extensão do suposto esquema do mensalão, que aponta para aliados do Planalto. Ele nega, em entrevista ao **Estado**, pressões durante o julgamento que durou cinco dias. "Eu jamais iria tolerar. Não só eu, mas todos os ministros estranhamos as declarações do ministro Lewandowski." ● PÁG. A7

ESPORTES



SERGIO CASTRO/AE

DIA DE GLÓRIA – O zagueiro Nilton é abraçado pelos companheiros, no primeiro gol da vitória do Corinthians contra o Santos

Corinthians **surpreende** no clássico

Com forte marcação e **ousadia no ataque**, time derrota Santos por 2 a 0 e **torcida grita 'olé'**

●● Foi o Corinthians, e não o favorito Santos, que venceu o clássico de ontem no Pacaembu. Com marcação forte e ousadia no ataque, o time envolveu o clube da Baixada Santista. Saiu de campo com uma vitória de 2 a 0 e direito ao grito de "olé" vindo das arquibancadas. Destaque para a atuação do zagueiro Nilton, que fez o primeiro gol, tirou uma bola santista em cima da linha e ainda foi o responsável pela expulsão de Adaílton. À frente do placar, o time do Parque São Jorge se acalmou e o adversário se enervou. O goleiro Felipe impediu as investidas santistas e Arce ampliou de cabeça. ● PÁGS. E1 E E3

JOGOS DE ONTEM

Corinthians	2 x 0	Santos
Cruzeiro	5 x 0	Palmeiras
Grêmio	3 x 0	Botafogo
Atlético/PR	1 x 0	Atlético/MG
Fluminense	1 x 1	Vasco
Goiás	2 x 1	Figueirense
Náutico	1 x 1	Internacional

Palmeiras sofre **goleada** em MG

●● O Cruzeiro fez 5 a 0 contra o time paulista, que mantinha boa campanha fora de casa. O clube mineiro está a 8 pontos do líder, o São Paulo. ● PÁG. E6

BRAZILIAN DAY: FESTANÇA EM NY

SABRINA VAZ

●●● O Brazilian Day atraiu ontem, em Nova York, Estados Unidos, milhares de pessoas, que se concentraram na Rua 46 para assistir a shows de vários artistas brasileiros. ● PÁG. C4

Trabalhador brasileiro rende menos, revela OIT

A produtividade do trabalhador brasileiro caiu nos últimos 25 anos e o País ocupa o 65º lugar, num ranking de 124 economias, conforme estudo da OIT. Falta de mão-de-obra qualificada é um dos motivos da queda. ● PÁG. B5

Prefeitura vai demolir 50 imóveis da Cracolândia

A Prefeitura prepara o pregão para demolir os 50 primeiros imóveis já desapropriados da Cracolândia, no centro. A demolição deve começar mês que vem. Empresas ainda não apresentaram projetos à região. ● PÁG. C1

●● O assunto é cada vez mais recorrente nos blogs e atrai anunciantes. ●

CADERNO2

Acordo com Itália rende o 1º filme

●● Repórter foi a Roma conferir *Estômago*, que estréia no Rio. ●

Operação Gladiador
Delegado sofre atentado no Rio

●● Alexandre Neto, da Polícia Civil, levou 5 tiros e sobreviveu. ● PÁG. C3

DOSSIÊ ESTADO: IRÃ

No reduto dos aiatolás

●● O país do controvertido líder populista Mahmud Ahmadinejad *(foto)* é jovem e moderno: 70% da população nasceu após a Revolução Islâmica de 1979 e as mulheres, como relata a enviada especial **Adriana Carranca**, driblaram leis discriminatórias e ocupam 67% das universidades e metade dos postos de trabalho. ● CADERNO ESPECIAL

ARMANDO EVARISTO/AE

NOTAS E INFORMAÇÕES

Mais bondades federais

O ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, disse que o governo poderá aceitar, para o aumento da folha, um teto mais alto que o indicado em projeto de lei submetido ao Congresso. ● PÁG. A3

ARTIGO

PT réu

Denis Rosenfield: O fim do partido que se defrontou com práticas que condenava. ● PÁG. A2

DÓLAR

	COMPRA	VENDA
Comercial	1,961	1,963
Turismo	1,900	2,060
Paralelo	2,030	2,140
Cotações de sexta-feira		
Poupança		0,5853%

TEMPO

Chuva fraca no litoral sul e Baixada Santista. Sol nas outras regiões. ● PÁG. C2

NA CAPITAL 15º MÍN. 28º MÁX.

HOJE 64 páginas

A 1.º Caderno	14
B Economia	12
C Cidades	4
D Caderno2	10
E Esportes	6
H Dossiê Estado	4
L Link	14

ISSN 1415-2630-1

7 8 9 10 11 12

ACERVO O ESTADO DE S. PAULO
Copyright © 1875-2012. Todos os direitos reservados

ESCALAPB PB ESCALACOR COR
Produto: ESTADO - BR - 1 - 03/09/07 H1 - Cyan Magenta Amarelo Preto

DOSSIÊ ESTADO | No reduto dos aiatolás

ARMANDO FAVARO/AE

Irã
rico, jovem e refém do atraso

Embalado pelos petrodólares e o programa nuclear, Ahmadinejad exporta imagem de radicalismo que não se vê na população do país

POPULISTA ATÔMICO - Ahmadinejad dá entrevista em Teerã à frente de painel com montagem de fotos: país, com 70% da população nascida após Revolução Islâmica, ainda espera benefícios da alta do petróleo

Adriana Carranca
ENVIADA ESPECIAL
TEERÃ

Em agosto de 2005, quando o populista Mahmud Ahmadinejad assumiu a presidência da República Islâmica do Irã, o país ainda vivia a expectativa causada pelo lento processo de aproximação com o Ocidente iniciado pelo seu antecessor no cargo, clérigo Mohammad Khatami, um moderado. Dois anos após a posse, Ahmadinejad consolidou uma imagem completamente diferente no exterior – o de mais controvertido e ameaçador líder anticidental do Oriente Médio.

Sob seu governo, o Irã enfrentou a comunidade internacional com um programa nuclear polêmico, aproximou-se do encrenqueiro Hugo Chávez, presidente da Venezuela, e expandiu sua influência nos países vizinhos. Parte dos US$ 810 bilhões que o país arrecada por ano com as exportações de petróleo é canalizada para apoiar o Hezbollah, no Líbano, o Hamas, nos territórios palestinos, e partidos xiitas no Iraque. Por tudo isso, e também graças ao seu estilo provocador – Ahmadinejad chegou a negar a existência do Holocausto –, o presidente americano George W. Bush o elegeu seu principal desafeto.

A imagem que Ahmadinejad passa, ou que o Ocidente tem dele, no entanto, está longe de representar o Irã moderno, predominantemente jovem (70% da população nasceu após a Revolução Islâmica de 1979, que instaurou a teocracia no país), com acesso à educação em avançadas instituições de ensino. O maior exemplo vem das mulheres, que aprenderam a driblar leis discriminatórias e hoje ocupam 67% das universidades e metade dos postos de trabalho.

O populista ex-prefeito de Teerã foi levado à presidência pelas mãos do regime que vinha perdendo o contato com a sua base (a maioria composta de pobres e camponeses que fizeram a Revolução Islâmica), por conta da abertura iniciada por Khatami. O líder supremo, Ali Khamenei, viu no novo presidente a chance de o regime reaproximar-se do povo.

Eleito com promessas de reduzir a desigualdade, Ahmadinejad abraçou o programa nuclear que os aiatolás rapidamente transformaram numa bandeira de união nacional contra a ameaça externa. "Ahmadinejad mantém o discurso da revolução, mas voltar no tempo é impossível. Essa geração não quer revolução, e sim modernização e prosperidade", diz o analista político Mohammad Soultanifar, da Universidade de Azad.

POPULISMO

Mesmo com o aumento da receita de exportação do petróleo, que quadruplicou nos últimos dois anos, o Irã não avança. A máquina estatal inchou, os gastos públicos cresceram e a inflação disparou – e nada de investimentos do governo que melhorem a situação dos iranianos, dos quais 40% vivem na pobreza.

Em julho, na maior manifestação desde a posse de Ahmadinejad, centenas de pessoas chegaram a queimar postos de gasolina em protesto contra o racionamento do produto. O Irã é o segundo maior produtor de petróleo da Opep, mas importa 40% da gasolina que consome porque não tem infra-estrutura para o refino. No mesmo mês, 57 economistas e 150 membros do Parlamento, incluindo integrantes da base governista, assinaram duas cartas com críticas à política econômica do presidente. "Fui à guerra por quatro anos. Hoje, temos petróleo e não posso usar. Não foi para isso que fizemos a revolução", diz um taxista que circula há 25 anos em Teerã. "Meu pai tinha cinco filhos e todos estudaram. Hoje, não consigo pagar a faculdade do meu único filho."

"Não negamos a existência de problemas econômicos e estamos trabalhando para solucioná-los. Agora, isso não se resolve em dois anos", disse ao **Estado** o deputado Kazem Talalai, porta-voz da Comissão de Segurança Internacional e Política Externa. Na entrevista concedida em seu escritório, sob um quadro com versos do Alcorão, Talalai disse que o Irã está buscando parcerias na região. Admitiu apoio do país a grupos considerados terroristas pelo Ocidente, como o Hamas e o Hezbollah. "Apoiamos porque temos semelhanças de visão, religião e política externa", disse. O Irã também tem intensificado acordos comerciais com China, Índia e Paquistão, além da Venezuela.

A 'DEMOCRACIA' DOS AIATOLÁS

Como é a divisão de poder no Irã

Regime teocrático permite eleições diretas, mas assegura poder a clérigos

INFOGRÁFICO/AE

Questão nuclear une população e garante sobrevida ao regime teocrático

Pelo complexo sistema de divisão de poder criado após a Revolução de 1979, o presidente tem autonomia limitada para governar – uma artimanha inventada pelos aiatolás para assegurar o poder (*veja quadro*). Na prática, os clérigos controlam os principais setores da economia, incluindo o do petróleo. A maior parte pelas mãos do Estado, mas pelo menos 20% do PIB são geridos por fundações de caridade religiosa conhecidas como bonyad.

Essas fundações paraestatais funcionam com autonomia e produzem grande parte do que os iranianos consomem – incluindo a Coca-Cola. Suas contas ou orçamento não são divulgados, o que facilita a corrupção. Um exemplo do poder dessas bonyad é a Guarda Revolucionária, força de elite que atua fora da área de influência das Forças Armadas. Suas atividades econômicas estendem-se para a indústria farmacêutica e de telecomunicações. A Guarda Revolucionária foi acusada pelo governo americano de financiar grupos insurgentes xiitas do Iraque.

PROGRAMA NUCLEAR

A maior pressão contra Teerã, no entanto, é sobre o programa nuclear. "Enquanto tivermos petróleo, temos o que o mundo precisa", diz Soultanifar, referindo-se à ameaça de sanções econômicas que, para ele, não impedirão o Irã de prosseguir com seu programa atômico. "O problema do Irã não é o programa nuclear em si, mas o fato de sua política externa ser baseada em ideologia, o que só tem trazido insegurança ao país", diz o jornalista Mehran Ghassemi, editor do diário iraniano *Etemad-e-Meli*.

A popularidade de Ahmadinejad dá sinais de declínio também entre os conservadores. Há um mês, o conservador *Jomhury-e Eslami*, jornal alinhado com os clérigos linha-dura, publicou um editorial em que reforçava o direito de o país desenvolver energia nuclear, mas criticava a forma como o presidente vem conduzindo o assunto na comunidade internacional.

Especialistas acreditam que o Irã terá capacidade de produzir bombas nucleares entre cinco e dez anos. Para os iranianos, o programa nuclear é um símbolo de soberania nacional. Recentemente, o embaixador do Irã na ONU, Javad Zarif, criticou o Conselho de Segurança por não impor sanções contra Israel por seu arsenal nuclear. "Os iranianos desconfiam do Ocidente, principalmente dos EUA. Muitos acreditam que eles querem impedir o Irã de se desenvolver", afirma o cientista político Sadegh Zibakalam, da Universidade de Teerã. "Paradoxalmente, a pressão americana está dando mais poder a Ahmadinejad."

Uma ofensiva militar americana contra o Irã acabaria com o processo de modernização do país, que avança pelas mãos da geração pós-revolução, e uniria o povo em torno do regime teocrático. Foi o que ocorreu durante a sangrenta guerra entre Irã e Iraque (1980-1988).

Ao contrário do que se imagina, o iraniano comum não tem nada contra o Ocidente – apenas não confia, principalmente depois das invasões dos EUA aos vizinhos Afeganistão e Iraque. Eles lembram como o processo democrático no país foi barrado em 1952 com a ajuda de americanos e britânicos, que apoiaram o golpe contra o então primeiro-ministro secular, Mohammad Mossadeq, um herói nacionalista. "Os governos e os regimes vêm e vão, mas o povo fica. Falamos a mesma língua, o farsi, há 4 mil anos. Seja quem for, vamos nos unir contra a ameaça externa", diz o cirurgião plástico Parsa Zapar. ●

estadao.com.br
Assista a vídeo com relato da repórter e leia mais sobre o Irã:
www.estadao.com.br/e/h1

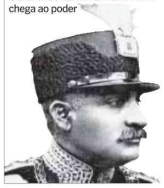
HISTÓRIA

636
Árabes conquistam a Pérsia. Começa o domínio islâmico na região

1828
Após segunda guerra entre russos e persas, Irã cede o controle do Cáucaso para a Rússia

1906
Constituição que limita poderes de governantes é instalada

Fevereiro de 1921
O comandante militar Reza Khan chega ao poder



1923
Reza Khan é nomeado primeiro-ministro

Abril de 1926
Reza Khan é coroado xá Reza Pahlevi. Seu filho mais velho, Mohamed Reza Pahlevi, é designado príncipe herdeiro

1935
O nome do país muda oficialmente para Irã

1941
Durante a Segunda Guerra, Grã-Bretanha e Rússia ocupam o Irã e obrigam Pahlevi a abdicar em favor do filho

1950
O nacionalista Mohammad Mossadeq é nomeado primeiro-ministro

Abril de 1951
Parlamento iraniano vota pela nacionalização da indústria de petróleo do país, até então controlada pela Grã-Bretanha

1953
Uma luta de poder entre Mossadeq e o xá Mohamed Reza Pahlevi leva o monarca ao exílio

Agosto de 1953
Operação Ajax, coordenada pelo serviço secreto britânico e pela CIA, derruba Mossadeq. O general Fazlollah Zahedi torna-se premiê e o xá volta ao poder

Janeiro de 1963
O xá Reza Pahlevi lança a "Revolução Branca" – campanha com base na reforma agrária e modernização social e econômica do Irã

ACERVO O ESTADO DE S. PAULO
Copyright © 1875-2012. Todos os direitos reservados

ESCALAPB PB ESCALACOR COR
Produto: ESTADO - BR - 2 - 03/09/07 H2 - Cyan Magenta Amarelo Preto

DOSSIÊ ESTADO | Irã: um olhar feminino

Iranianas em busca da igualdade

Embora oprimidas pelo regime, elas já ocupam 67% das vagas nas universidades e metade da força de trabalho

FOTOS ADRIANA CARRANÇA/AE

FÉ ISLÂMICA – Galpão da Universidade de Teerã, onde muitas iranianas se reúnem para a pregação de sexta-feira e para ouvir as palavras do aiatolá Khamenei: as que usam chador tendem a ser mais conservadoras

Adriana Carranca
ENVIADA ESPECIAL
TEERÃ

Coberta sob o hijab, o véu islâmico, Minu, de 40 anos, está à procura da mãe, Mah Leili, comerciante de tapetes persas, e da filha, Pegah, que saiu à procura de aventuras. Durante a busca, Minu se dá conta de que é ela quem está perdida. O simbolismo do novo filme da cineasta iraniana Manijeh Hekmat, *Três Mulheres*, diz muito sobre as iranianas de hoje. Elas estão situadas em algum lugar entre Mah Leili e Pegah, entre tradição e modernidade, passado e futuro, família e profissão, recato e liberdade sexual.

A Constituição de 1906 e a emancipação das mulheres, em 1935, deram lugar em 1979 a um Código Civil que estabeleceu a supremacia masculina. Baseado em uma interpretação da sharia, a lei islâmica, o paradoxal regime imposto pelos aiatolás nega às mulheres o direito ao divórcio, à guarda dos filhos, de viajar ou alugar apartamento sozinhas, mas lhes permite estudar, votar, ocupar cargos públicos, dirigir. Oportunidades que elas agarraram com as unhas.

Mulheres criaram maioria dos 70 mil blogs iranianos na internet

A guerra contra o Iraque, que durou oito anos e matou 300 mil homens, obrigou o recrutamento de mulheres para o serviço público. Quando os aiatolás se deram conta, elas já não queriam ficar em casa. Mais tarde, uma política de controle de natalidade adotada pelo governo, com o aval dos clérigos, garantiu às mulheres casadas acesso gratuito a métodos contraceptivos. Com menos filhos, elas ganharam tempo para se dedicar à profissão.

Hoje, ocupam 67% das vagas nas universidades e são a metade da força de trabalho: jornalistas, advogadas, cineastas, taxistas, pilotos de avião, jogadoras de futebol, economistas. Aos poucos, vêm conquistando espaço e voz na sociedade – a maioria dos 70 mil blogs iranianos, que colocam o farsi entre os dez idiomas mais usados na internet, são feitos por mulheres.

"A minha geração, de certa forma, ficou um pouco perdida no meio das transformações. Ao mesmo tempo, é a que fez o elo entre passado e futuro. Carregamos a tradição persa, atravessamos a revolução e a guerra, vivemos um regime opressor. Mas, enxergamos o futuro pelos olhos de nossas filhas, que vivem outra revolução, a tecnológica. Essas três gerações transformaram as iranianas em mulheres muito poderosas", diz Manijeh, de 45 anos, que recebeu o **Estado** em sua produtora, no centro de Teerã.

São mulheres como Nazanin Azar, de 36 anos, obrigada pelo pai a se casar aos 12. "Eu nem tinha menstruado ainda", diz. Aos 14, teve o primeiro filho. Aos 18, o segundo. Sempre quis se separar, mas o marido não permitia. "Eu atazanei tanto a vida dele que ele me largou. Mas, ficou com a casa e com meus filhos. Se quisesse, eu teria de comprá-los de volta."

Com a ajuda de uma amiga, Nazanin conseguiu um emprego de secretária. "Ninguém podia saber que eu era separada", diz. Por dez anos, ela juntou dinheiro para recuperar os filhos. Hoje, sustenta a casa e, há três meses, juntou-se a outras 150 mulheres para abrir uma cooperativa de motoristas de táxi e clientela exclusivamente feminina. "Faço mais do que conduzi-las, virei psicóloga. No carro, contam-me todos os seus problemas. Uma passageira me disse que não saía de casa sem o marido havia cinco anos. Ele só permitiu porque o táxi era guiado por uma mulher."

TRANSIÇÃO - A cineasta Manijeh: 'Minha geração viveu as mudanças'

BANDEIRA 2 – Nazanin e seu táxi só para mulheres: sucesso em Teerã

Sua mais fiel clientela são jovens, arrumadas para festas, que usam seu táxi para evitar o assédio dos homens e a opressão da polícia. No Irã, as mulheres são obrigadas a usar camisões largos até os joelhos com as mangas cobrindo os braços, calças compridas e o véu islâmico. Essa vestimenta foi incorporada à moda e tornou-se uma forma de identidade social. As cobertas com o manto negro do chador são conservadoras, religiosas, alinhadas com o governo e os aiatolás. Centenas se reúnem na Universidade de Teerã para as orações de sexta-feira, equivalente à missa dominical. E para ouvir as palavras do líder supremo, aiatolá Ali Khamenei, que no regime teocrático do Irã, onde religião e política se confundem, têm força de lei. Na direção oposta, as que adotam vestimentas mais modernas e ousadas, são as seculares – e alvo da polícia.

Desde abril, o governo vem realizando blitze em busca de mulheres com parte dos cabelos à mostra, véus coloridos, maquiagem, roupas justas e salto alto. Em março, mais de 30 foram presas em um protesto público contra a acusação de cinco ativistas. Elas participaram de outro ato pela igualdade de gênero, em junho de 2006, quando mais de 70 foram detidas.

Críticos do presidente Mahmud Ahmadinejad não vêem na ofensiva uma ação moral, mas a tentativa de intimidar as mulheres e evitar a ascensão de dissidentes como Shahla Sherkat, de 40 anos, que discute assuntos polêmicos – como abuso sexual – em sua recém-lançada revista feminista *Zanan*, ou a Prêmio Nobel da Paz Shirin Ebadi (*veja entrevista na página seguinte*). São ativistas que, apesar das ameaças de prisão, continuam lutando.

A cineasta Manijeh é uma delas. Entre um cigarro e outro – e sem o véu – ela conta que já produziu 25 filmes. O primeiro, como diretora, foi *Prisão de Mulheres*, sobre a vida de detentas em Teerã. O roteiro foi recusado pela empresa cinematográfica estatal. Manijeh obteve autorização em nome do marido, o diretor de arte Jamshid Ahangarani, e financiou o longa do próprio bolso. O filme foi proibido – e ela, ameaçada de prisão ao tentar mostrá-lo em uma sala de exibição caseira. Manijeh enviou cópias do longa para o exterior e seu filme foi exibido em 80 festivais, faturando sete prêmios.

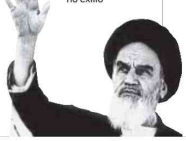
"Fiquei doente", conta. O governo também quis impedir a produção de *Três Mulheres*. Dessa vez, Manijeh anunciou que mudaria de profissão e foi para a porta do Palácio do Governo vender cigarros. "A imprensa divulgou e, no dia seguinte, autorizaram a filmagem", diz. "Eles podem dificultar nosso trabalho, mas não podem nos eliminar. As mulheres iranianas são muito fortes." E vaidosas. Pelo menos 30 mil fizeram cirurgia plástica de nariz desde que o hijab foi instituído, em 1979. ●

HISTÓRIA

1978
Políticas implementadas pelo xá isolam o clero e seu governo autoritário causa manifestações populares. A lei marcial é imposta

Janeiro de 1979
Tensão política agrava-se e o xá e abandona o Irã com a família

1/2/1979
O fundamentalista islâmico e principal líder espiritual dos xiitas, aiatolá Ruhollah Khomeini, retorna ao Irã após 14 anos no exílio



1/4/1979
Sob comando de Khomeini, é proclamada a República Islâmica do Irã

Novembro de 1979
Militantes islâmicos invadem a embaixada americana em Teerã e fazem 52 reféns. Eles exigem que os EUA extraditem o xá para ser julgado no Irã

Janeiro de 1980
Abolhassan Bani Sadr é eleito primeiro presidente da República Islâmica do Irã. Seu governo começa com um grande programa de nacionalizações

Julho de 1980
O xá morre de câncer no Egito

22/9/1980
Começa a guerra entre Irã e Iraque. Conflito duraria 8 anos e deixaria 1 milhão de mortos

Janeiro de 1981
Os reféns da Embaixada dos EUA são libertados após 444 dias de cativeiro

Julho de 1988
Irã aceita um acordo de cessar-fogo com o Iraque

Fevereiro de 1989
O aiatolá Khomeini emite uma fatwa (decreto religioso) ordenando que muçulmanos matem o escritor anglo-indiano Salman Rushdie por considerar o livro "Versos Satânicos" uma ofensa ao Islã

3/6/1989
Morre o aiatolá Khomeini

4/6/1989
O aiatolá Ali Khamenei é nomeado novo líder supremo do Irã

Novembro de 1989
EUA liberam US$ 567 milhões de bens congelados iranianos

Junho de 1990
Um terremoto atinge o noroeste do Irã e deixa cerca de 35 mil mortos

ACERVO O ESTADO DE S. PAULO Copyright © 1875-2012. Todos os direitos reservados

ESCALAPB PB ESCALACOR COR
Produto: ESTADO - SP - 3 - 03/09/07 H3 - Cyan Magenta Amarelo Preto

DOSSIÊ ESTADO | Irã: combate à discriminação

Entrevista

Shirin Ebadi: ativista de direitos humanos e ganhadora do Nobel da Paz

Uma voz feminina que desafia os aiatolás

MORTEZA NIKOUBAZL/REUTERS

POLÍCIA MORAL – Mulheres passam por uma blitz nas ruas de Teerã: roupas ocidentais e cabelo à mostra podem render severas punições

Ex-juíza atua em favor de presos políticos e tenta reunir 1 milhão de assinaturas pelo fim da discriminação à mulher

Adriana Carranca
ENVIADA ESPECIAL
TEERÃ

A entrada simples, no subsolo de um prédio de três andares numa rua tranqüila do bairro residencial de Yusejabad, em Teerã, não dá pistas de que ali funciona o escritório de uma Nobel da Paz. Exceto por uma discreta placa de bronze, ao lado do interfone, com seu nome e profissão escritos em farsi e caracteres ocidentais: Shirin Ebadi, advogada. Uma senhora de estatura pequena, o véu discretamente cobrindo-lhe parte dos cabelos curtos aloirados, atende pessoalmente à campainha. Sua voz é enérgica e ela parece não ter tempo a perder. A recepção está cheia de mulheres. Na sala, Shirin retira o véu. Sobre a mesa, um quadro com os dizeres: "Se queres a paz, prepara-te para a guerra." Guerra que para ela dura há, pelo menos, 27 anos. Shirin era, então, a primeira mulher a se tornar juíza no Irã. Veio a Revolução Islâmica, que ela apoiou contra o regime corrupto do xá. E, com a revolução, a surpresa das leis rígidas e discriminatórias contra as mulheres. Shirin foi impedida de atuar no Judiciário, que passou a ser controlado pelos aiatolás. Em 1999, enfrentou meses na temida prisão Evin e, pouco depois, encontrou, entre documentos oficiais que investigava, a própria sentença de morte. Em 2002, sua organização, o Centro para a Proteção dos Direitos Humanos, foi banida. Ela passou a defender – como advogada – mulheres e presos políticos do regime, trabalho que lhe valeu o primeiro Nobel concedido a um iraniano. Shirin é também a única mulher islâmica a receber o prêmio. Aos 50 anos, ela tenta recolher 1 milhão de assinaturas pelo fim da discriminação contra a mulher. Aqui, trechos de sua conversa com o **Estado**:

Qual é a situação das mulheres no Irã hoje?
A mulher no Irã vale a metade de um homem. Em um acidente de carro, o seguro pago para uma vítima mulher será a metade do que seria pago a um homem. Num tribunal, o testemunho de um homem tem o peso do de duas mulheres. Eles podem ter quatro esposas e elas só se divorciam com autorização do marido. São os homens que ficam com a guarda dos filhos. Outro problema grave é a execução de crianças: meninas a partir de 9 anos e meninos, de 15. Tudo isso se deve a uma interpretação errada do Alcorão.

Mulheres são as únicas vítimas?
Não. Na religião há discriminação. Cristão, judeus e zoroastristas só podem ter um representante no Parlamento. Não podem ser ministros, juízes ou presidente. São minorias sem direitos. O valor de indenizações às famílias diferem de acordo com a fé. Se um pai morre, sua herança deve ser dividida igualmente entre os filhos, mas se um deles se converte ao Islã, todo o dinheiro vai para este. Mesmo entre islâmicos, há discriminação. O país tem 90% de xiitas. Desde a revolução, os sunitas não estão autorizados a ter sua mesquita.

Houve algum avanço da defesa dos direitos humanos desde 1979?
Nos primeiros dias da revolução era mais difícil. Os jornais chamavam-me de feminista. Hoje, trabalhar com direitos humanos é um valor. Não quer dizer que não temos problemas. Há muita censura, jornais reformistas sendo fechados, dissidentes perseguidos, estudantes na prisão. O governo criou uma comissão de direitos humanos islâmicos que é uma mentira. Por isso, sigo trabalhando. Como não posso ter uma entidade, presto serviços como advogada independente – relações íntimas antes do casamento são raras no Irã. "É a única chance de me casar", diz. A mãe teve um colapso nervoso e ficou três meses internada ao saber que o filho queria ser mulher. Mehrshad foi expulso de casa e vive com um primo.

Em uma sociedade que condena o homossexualismo, as conseqüências podem ser ainda mais trágicas. Transexuais ouvidos pelo **Estado**, em três horas de conversa em um restaurante de Teerã – onde garçons ameaçavam chamar a polícia, caso não cobrissem o rosto masculino fortemente maquiado com o véu islâmico – contaram ter feito a cirurgia para se livrar da perseguição policial. "Você acha que eu faria isso com meu corpo se não vivesse no Irã? Eu não tinha alternativa", disse um deles, de 30 anos, que decidiu operar aos 20.

O doloroso procedimento teve de ser repetido quatro vezes. Ele viajou à Tailândia, com tradição em cirurgias plásticas, para mudar outras partes do corpo e tornar-se mais feminina. Ao todo, fez 17 cirurgias. Transformado em uma linda mulher, conseguiu se casar, mas o marido descobriu seu passado e quis o divórcio. Desempregado, ele exerce hoje a profissão mais perigosa do Irã: a prostituição. Cobra US$ 100 por programa e já foi preso quatro vezes. "Sou uma pessoa amargurada. Tomo remédios para dormir. Transformei-me no que não sou e continuo sendo perseguida, agora como mulher." O amigo transexual de 40 anos, foi preso cinco vezes – na última, levou 99 chibatadas e passou 12 dias numa solitária. Ele mostra as fotos tiradas após ser solto, as costas ainda marcadas. Com elas, pretende obter asilo político. As histórias se repetem. São tão cruéis que parecem irreais. Se é difícil ser mulher no Irã, pior é ser transexual. ●

Adriana Carranca
TEERÃ

MORTEZA NIKOUBAZL/REUTERS

SHIRIN – Prêmio facilitou trabalho

FRASE
Shirin Ebadi
Advogada
"O problema do Irã não é o Islã. A Malásia é uma nação islâmica e democrática. Não existe nada de incompatível entre o Islã e a democracia"

te há dez anos, gratuitamente.

Um Prêmio Nobel ajuda?
O prêmio facilitou muito. Ganhei voz junto às entidades internacionais e, de certa forma, mais liberdade. Depois do Nobel, o governo tentou me prender três vezes, mas a repercussão foi tanta que desistiram.

Direitos humanos podem existir num Estado teocrático?
O problema do Irã não é o Islã. O governo é antidemocrático, não a religião. O governo se baseia em uma interpretação torta da sharia (*código de leis islâmicas*), mas há muitas outras leituras possíveis. A Malásia é uma nação islâmica e democrática. No Alcorão, não há nada incompatível com democracia, direitos humanos e modernidade.

A democracia pode prevalecer no Irã?
Não podemos esquecer que ditadores chegaram ao poder por meio da democracia. Hitler foi um deles. O que deveria legitimar um governo no poder é seu compromisso com os direitos humanos e não o voto.

Como foram as negociações para libertar a acadêmica americana de origem iraniana Haleh Esfandiari?
A minha cliente era inocente e não deveria ter sido presa. Ela tem o direito de deixar o Irã, mas é mantida aqui ilegalmente. É tudo o que sei. O governo não nos dá qualquer informação. Até hoje não consigo imaginar o que passou pela cabeça do juiz que a colocou na prisão. Mas, como ela, há muitos no Irã.

A sra. não tem medo?
Foi horrível ver meu nome numa lista negra e saber que minha vida corria risco. Mas, quando se está no meio do mar, desesperar pode levar à morte. Minha única alternativa é seguir nadando.

A sra. apóia o programa nuclear?
O programa para fins pacíficos é um direito. Mas no Irã as decisões são tomadas a portas fechadas, por isso a comunidade internacional desconfia. Sanções econômicas, porém, só prejudicam o povo. ●

Transexualismo é única saída para os gays

Mudança de sexo pode garantir o casamento e um lugar na sociedade

O jovem iraniano Mehrshad, de 20 anos, vai se casar. No mês passado, ele procurou o consultório do médico Bahram Mir-djalali para fazer a operação de mudança de sexo que o transformará em Maryan e permitirá a união com Al, seu noivo há dois anos. Acompanhado pela mãe, uma senhora religiosa coberta pelo chador, Mehrshad tem em mãos a autorização judicial para trocar de identidade.

O nome escolhido é uma homenagem a Maryan Molkara, primeiro a escrever para o aiatolá Khomeini contando o flagelo dos transexuais desde a Revolução Islâmica. Tratados como gays e lésbicas, estavam sujeitos à lei do país, que condena o homossexualismo, punido com a morte. Convencido por uma junta médica da necessidade da cirurgia para os casos de "distúrbios de identidade de gênero", Khomeini pronunciou uma fatwa (decreto religioso) e a mudança de sexo passou a ser permitida no Irã. Desde então, mais de 200 operações foram feitas em hospitais públicos. Custam US$ 4 mil. A permissão é dada sob parecer de um psiquiatra do governo, após seis meses de sessões de terapia. "Primeiro, tentamos convencê-los do contrário porque essa é uma cirurgia delicada, com complicações físicas e implicações sociais profundas", diz o cirurgião do Hospital Mirelamal, Hosseim Zamani.

O futuro marido de Mehrshad não conhece a sua identidade – relações íntimas antes do casamento são raras no Irã. "É a única chance de me casar", diz. A mãe teve um colapso nervoso e ficou três meses internada ao saber que o filho queria ser mulher. Mehrshad foi expulso de casa e vive com um primo.

Em uma sociedade que condena o homossexualismo, as conseqüências podem ser ainda mais trágicas. Transexuais ouvidos pelo **Estado**, em três horas de conversa em um restaurante de Teerã – onde garçons ameaçavam chamar a polícia, caso não cobrissem o rosto masculino fortemente maquiado com o véu islâmico – contaram ter feito a cirurgia para se livrar da perseguição policial. "Você acha que eu faria isso com meu corpo se não vivesse no Irã? Eu não tinha alternativa", disse um deles, de 30 anos, que decidiu operar aos 20.

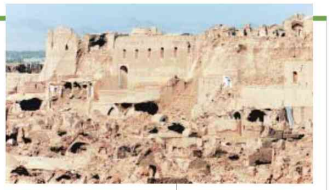
O doloroso procedimento teve de ser repetido quatro vezes. Ele viajou à Tailândia, com tradição em cirurgias plásticas, para mudar outras partes do corpo e tornar-se mais feminina. Ao todo, fez 17 cirurgias. Transformado em uma linda mulher, conseguiu se casar, mas o marido descobriu seu passado e quis o divórcio. Desempregado, ele exerce hoje a profissão mais perigosa do Irã: a prostituição. Cobra US$ 100 por programa e já foi preso quatro vezes. "Sou uma pessoa amargurada. Tomo remédios para dormir. Transformei-me no que não sou e continuo sendo perseguida, agora como mulher." O amigo transexual de 40 anos, foi preso cinco vezes – na última, levou 99 chibatadas e passou 12 dias numa solitária. Ele mostra as fotos tiradas após ser solto, as costas ainda marcadas. Com elas, pretende obter asilo político. As histórias se repetem. São tão cruéis que parecem irreais. Se é difícil ser mulher no Irã, pior é ser transexual. ●

Adriana Carranca
TEERÃ

HISTÓRIA

- **Setembro de 1990** – Irã e Iraque retomam relações diplomáticas
- **1995** – EUA impõem sanções econômicas contra o Irã, alegando que o país financia o terrorismo. O governo iraniano rejeita as acusações
- **Maio de 1997** – Mohammad Khatami é eleito presidente com 70% dos votos
- **Julho de 1999** – Estudantes da Universidade de Teerã protestam contra o fechamento de um jornal de esquerda. Durante seis dias, jovens entram em confronto com o Exército e mais de mil pessoas são presas
- **Junho de 2001** – Khatami é reeleito presidente

- **Janeiro de 2002** – George W. Bush classifica Irã, Iraque e Coréia do Norte como membros de um "eixo do mal"
- **Setembro de 2002** – Técnicos russos começam a construir reator nuclear no Irã
- **Dezembro de 2002** – EUA denunciam programa nuclear secreto iraniano
- **Outubro de 2003** – Shirin Ebadi torna-se a primeira iraniana ganhadora do Nobel da Paz



- **Novembro de 2003** – Teerã aceita suspender enriquecimento de urânio
- **26/12/2003** – A cidade histórica de Bam é devastada por terremoto que deixa mais de 40 mil mortos

ACERVO O ESTADO DE S. PAULO
Copyright © 1875-2012. Todos os direitos reservados

ESCALAPB PB ESCALACOR COR
Produto: ESTADO - BR - 4 - 03/09/07 H4 - Cyan Magenta Amarelo Preto

DOSSIÊ ESTADO | Irã: juventude reformista

Geração pós-revolução quer avanço

Jovens, que já são 70% da população, recorrem à tecnologia e ao jeitinho para escapar da repressão do Estado

Adriana Carranca
ENVIADA ESPECIAL
TEERÃ

Imagens do aiatolá Khomeini e grafites anticidentais nos muros da antiga embaixada americana disputam a atenção com outdoors de novas lojas Benetton, shopping centers, escolas de inglês e espanhol. A gradual mudança na paisagem urbana de Teerã é um sinal ainda discreto de uma transformação silenciosa: 70% da população do Irã tem menos de 28 anos.

Nascidos após a Revolução Islâmica, eles não se identificam com seus heróis e dialogam pouco com o regime. Esses jovens são a nova – e ainda desconhecida – face do Irã.

Apreensivo sobre os caminhos dessa nova geração, o governo tenta mantê-la sob controle. Organizações denunciam a prisão sistemática de estudantes. Sites e blogs são bloqueados. A paranóia dos aiatolás chegou até os salões de beleza – 20 deles foram fechados no fim de semana passado por oferecerem cortes extravagantes e tatuagem. Desde março, foi lançada uma ofensiva dos basidjis (guardiães da moral) sobre adeptos da moda moderna. Mais de 150 mil jovens foram abordados e muitos, levados à delegacia. Em julho, 200 foram presos em um show de rock.

O chefe da polícia, Esmaeel Ahmadi Modhaddam, diz que o objetivo é aumentar a segurança. Mas críticos acreditam em uma tentativa de intimidar os jovens e silenciar novas vozes dissidentes em reação a problemas econômicos. O cerco aos jornais reformistas foi intensificado.

"Não há liberdade", diz, na Universidade de Teerã, um estudante de biologia de 22 anos, de cabelos compridos e chinelão hippie, que defende o secularismo.

Os jovens, no entanto, descobriram a internet, que o governo tenta controlar, mas não consegue evitar que conversem por MSN e troquem músicas e informações pela rede. "Hoje troco idéias com iranianos do país inteiro e posso discutir o que não falo nas ruas", diz o blogueiro Ehsan, de 25 anos.

O regime controla os jovens, mas eles aprenderam a driblar as regras

À medida que o Estado controla, eles aprendem a driblar as regras. "No Irã, o que se vê não é e o que é não se vê", define um diplomata ocidental.

No fim da tarde, é intenso o movimento na Rua Jordan, onde meninos e meninas passam de carro e trocam, rapidamente, números de celular para paquerar por mensagens longe do olhar da polícia. Ou marcam encontros nas montanhas de Darband, reunidos em torno de um guelium (cachimbo d'água).

No parque Melat, chama a atenção a quantidade de casais com crianças. "Eles tomam emprestados os filhos de parentes e amigos para namorar em paz", explica uma jovem de 22 anos.

Namoro, só com certidão de noivado. Manifestações públicas de carinho são proibidas. A paquera ocorre em animadas festas dentro de casa, onde as mulheres tiram o véu e vestem minissaias, compradas no shopping Tandis, cujas vitrines exibem marcas como Diesel, Fendi, Gucci. O som é à base de músicas proibidas, incluindo o rap. O álcool é vendido por cristãos armênios. Sexo antes do casamento ainda é tabu. O Estado interfere, obrigando até hotéis a exigir certidão de casamento.

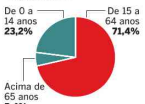
A ação religiosa e conservadora impõe certa inocência aos jovens. Eles anseiam por maior liberdade de expressão, maior abertura econômica e boas relações com o mundo. Mas não almejam o que chamam de degradação moral do Ocidente. Estão menos preocupados com a liberalização dos costumes morais e mais com o futuro: quase a metade dos que têm entre 25 e 29 anos está fora do mercado formal de trabalho. Sete em cada dez vivem nas cidades.

"Nossa revolução é outra", diz Mohammad Reza, produtor de 11 filmes, em uma mesa do Café 81/2, reduto de jovens cineastas – que o governo fechou, mas foi reaberto em novo endereço. "Os iranianos são cultos, sofisticados. Querem avanço", diz Caio Milani, brasileiro que abriu dez lojas Benetton no Irã nos últimos dois anos. "Não é o horror que se pensa. É o país das oportunidades."

RAIO X

Área	1,6 milhão km²
PIB	US$ 193,5 bilhões
Renda per capta	US$ 3 mil
Taxa de crescimento econômico	4,3%
Taxa de desemprego	15%
População abaixo da linha de pobreza	40%

População
65,4 milhões



FONTE: THE CIA WORLD FACTBOOK (2006)

MORTEZA NIKOUBAZL/REUTERS

ROMPENDO TABUS – Jovens passam por foto do aiatolá Hashemi Rafsanjani: em festas privadas, as mais ousadas exibem braços e pernas

Os tesouros da Pérsia que o mundo desconhece

Os 640 quilômetros que separam Teerã de Persépolis preservam os vestígios de um período de ouro

ADRIANA CARRANCA/AE

TURISMO MUÇULMANO – Vista de Isfahan, antiga capital persa: museu a céu aberto da arquitetura islâmica

ISFAHAN, IRÃ

A capital Teerã e a cidade de Persépolis, no sudoeste iraniano, são separadas por 640 quilômetros e 2 mil anos de história. De um ponto a outro, volta-se no tempo, atravessando a terra onde se orquestrou a Revolução Islâmica, passando pelas riquezas preservadas da antiga Pérsia, patrimônios da humanidade de importância similar às pirâmides do Egito, mas isoladas por uma política externa que afastou o país da rota do turismo mundial. Situado entre o Mar Cáspio e o Golfo Pérsico, o planalto iraniano ainda guarda resquícios do caminho percorrido pelos persas, da antiguidade ao passado recente.

No trajeto está a cidade sagrada de Qom, reduto de clérigos, com seus cerca de 200 centros de estudos islâmicos e madrassas, que atraem estudantes xiitas de países vizinhos. Entre seus muros foi articulada a Revolução de 1979, que levou ao poder o aiatolá Khomeini. A casa onde o líder espiritual morou até ser exilado pelo xá, em 1964, está preservada. Qom é a cidade mais conservadora do Irã, onde raramente se vê mulheres sem o chador – o manto negro que cobre seus corpos da cabeça aos pés.

Chega-se a Isfahan, antiga capital persa, 250 quilômetros depois. *Esfahan nesf-e jahan* ("Isfahan é a metade do mundo"), diz o ditado do século 16, repetido até hoje. É uma espécie de museu a céu aberto da arquitetura islâmica, com um impressionante acervo restaurado de palácios e mesquitas que inclui Jameh, a maior mesquita do Irã, construída em um local onde cultos religiosos são praticados desde o século 11 – quando seguidores do zoroastrismo, religião monoteísta prenunciada pelo profeta Zaratrusta e cujas concepções influenciariam o judaísmo, o cristianismo e o próprio Islã.

Turistas, a grande maioria iranianos, mas também asiáticos e alguns europeus, concentram-se na Praça Iman, sentados nos jardins levantados em 1597, com vista para a Mesquita Sheikh Lotfollah e o Palácio Ali Qapu e suas cúpulas de mosaico azul e verde, marca da arte persa. Para eles, no entanto, curioso mesmo é visitar a Catedral de Vank, construída em 1606 ao lado de outras 13 igrejas católicas do bairro armênio de Jolfa, que reúne uma comunidade de 7 mil cristãos iranianos.

Isfahan é uma cidade para se explorar a pé. São 11 pontes sobre o Rio Zayandeh que os jovens cruzam trocando discretos flertes. O melhor da viagem é perder-se pelas vielas do Bazar-e Bozorg, com seus coloridos tapetes persas e obras de arte reproduzidas pelas mãos de artesãos locais. Muitas peças são feitas ali mesmo, aos olhos dos visitantes. "Aprendi com meus avós", diz o artesão Zarif Ali, de 34 anos, pintando sob o olhar atento do filho, de 7 anos, pequenos frascos de rímel feitos com ossos de camelo que eram usados na antiguidade pelas mulheres persas.

Mais 250 quilômetros adiante está Persépolis, berço da civilização persa. Foi ali que Ciro, o Grande, iniciou a expansão de seu império, em 500 a.C. Suas ruínas, descobertas em 1930, revelam maravilhas como um complexo de palácios do imperador Dario I que o Ocidente só conhece pelos livros de história. ● A.C.

HISTÓRIA

● **Junho de 2004**
Irã é repreendido pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) por não cooperar com investigação sobre suas atividades nucleares

● **Junho de 2005**
Mahmud Ahmadinejad é eleito presidente

● **Agosto de 2005**
Governo iraniano retoma programa de enriquecimento de urânio

● **Abril de 2006**
Irã anuncia sucesso no processo de enriquecimento de urânio

● **Dezembro de 2006**
ONU impõe sanções ao Irã

● **Fevereiro de 2007**
AIEA afirma que Irã não cumpriu o prazo para suspender o processo de enriquecimento de urânio, expondo Teerã a possíveis novas sanções

● **23/3/2007**
Irã captura 15 marines britânicos no Golfo Pérsico e dá início a crise diplomática com o governo da Grã-Bretanha

● **24/5/2007**
Diretor da AIEA, Mohamed ElBaradei, diz que Teerã, se quisesse, levaria de 3 a 8 anos para fabricar uma bomba nuclear

● **15/8/2007**
Funcionários do governo Bush afirmam que os EUA estão se preparando para incluir a Guarda Revolucionária iraniana em uma lista de organizações terroristas

● **21/8/2007**
Irã liberta a professora universitária americana de origem iraniana Haleh Esfandiari – detida desde maio sob a acusação de ameaçar a segurança nacional –, após o pagamento de uma fiança de US$ 320 mil

ACERVO O ESTADO DE S. PAULO
Copyright © 1875-2012. Todos os direitos reservados